

"TINGUIANAS"

e o sentido de uma vocação

O espírito regionalista, para certa gente, não passa de coisa anacrônica e insuportável.

Alegam, êsses supra-modernos, que o próprio nacionalismo já se está tornando insípido, visto não mais haver lugar para distinções entre os povos, neste incrível um mundo só dos aviões a jato e da bomba atômica.

Teoricamente, tudo estaria certo, não fôsse, porém, a incoerência que se nos depara, a um ligeiro exame do que, desavisadamente, importamos dos outros países.

Tomando como ilustração o modernismo internacional de Hollywood, por exemplo, podemos afirmar que, apesar das aparências, não deixa, o mesmo, de traír a origem genuinamente americana e regional, pois que, em última análise, o que impõe ou sugere é uma filosofia da vida tipicamente nacionalista, da América Saxônica.

E assim, os demais produtos de infiltração de outras proveniências. Em tudo, sempre vamos descobrir a vontade soberana de forças desagregadoras, a expandir-se para além das respectivas fronteiras étnicas, à procura de benévola receptividade em povos de quase nenhuma consciência telúrica.

Donde, portanto, a confusão entre moderno e estrangeiro, internacional e humano, divulgação superficial e conhecimento científico, democracia como salvação universal e anarquia como viveiro de sacripantas e renegados.

Deante disso, que valor poderá ter uma genuína expressão de viço e originalidade regional, em qualquer setor da cultura, num país como o Brasil, se a própria mocidade nova ou novíssima prefere, ao seu, o padrão cultural de outras latitudes?

Estas e outras considerações nos afluem ao cérebro, ao tomarmos contato com a obra, recém-publicada e já vitoriosa, de Mestre Valfrido Piloto: "Tinguianas".

Dizemos já vitoriosa, porque, em suas cento e poucas páginas, parece estar contido o que de mais belo, compreensivo e fundamental se possa imaginar, como expressão de uma identidade absoluta entre o agente intelectual e o mundo natural que o rodeia, com seus elementos inconfundíveis, já humanos, já paisagísticos, o

que, sem dúvida, lhe vem conferir a auréola da consagração geral.

Como quer que o analisemos, apresenta o referido livro uma auto-ciência dos nossos valores e das nossas possibilidades, rara de encontrar em autores dos nossos dias, porque, na profusa sentimentalidade do homem de letras, a própria realidade majestática da terra araucariana parece vibrar, em essência imutável, para entoar um hino de estranha e colorida experiência telúrica, apenas vislumbrada por espíritos outros.

E tudo aí se agita, e avulta, e extasia, e esmaga, como em sobrehumana visão onírica, de que jãmais nos olvidássemos.

Um após um, lá se sucedem os quadros, numa afirmação eloquente de que nem tudo está perdido, muito menos o desplante, a hombridade, a nobreza de saber ser.

Começando em "19 de Dezembro" e rematando com "Curitiba, a espiritualíssima", com passagem demorada pela poesia, história, pintura, humanidades e problemas sociais, o Dr. Valfrido Piloto realiza o milagre de envolver, em precioso esboço de composição crítica, mil e um aspectos da vida da terra de Guairacá, hoje ponto alto das cogitações nacionais.

A esta altura, não nos podemos furtar ao dever de mencionar, profundamente sensibilizados, as palavras de vivo encorajamento e imerecido penhor de amizade com que o autor se dirige à atual geração pontagrossense, para êle, verdadeiro modelo de capacidade e idealismo.

Num estilo límpido, dinâmico, sugestivo e cheio de sadios propósitos, característica, aliás, de todos os seus escritos, o Dr. Valfrido nos comove às lágrimas, num ponto, para fazer-nos o deleite espiritual, noutra além.

Grande em tudo, portanto, o seu interessante "Tinguianas".

E destas colunas de combate do núcleo jagunço de Pitangui, que lhe cheguem, sinceras e cordiais, as expressões de nossa admiração crescente e profundo reconhecimento.